



REDACTOR PRINCIPAL \* \* \*  
Alexandre Vieira  
EDITOR \* \* \* \* \*  
Joaquim Cardoso

Propriedade da União Operária Nacional  
(Formulário da lei que regula a liberdade de Imprensa)

Oficinas de impressão — R. da Atalaia, 154

Redacção e administração — Calçada do Combro, 33-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

End. telegr. Talhava — Lisboa • Telephone: ?

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## Bom critério

### NOTAS & COMENTARIOS

#### Fósforos e tabaco

Com a convocação do II Congresso Operário Nacional, reunião onde certamente a U. O. N., com a estrutura que atualmente tem, desaparecerá para dar lugar à Confederação do Trabalho, vem de verificar-se um facto que *A Batalha* não pode deixar de registrar com muito júbilo. Queremos referir-nos à convocação de três congressos corporativos: das indústrias da Construção Civil, Metalúrgica e dos Manufactores de Calçado, congressos a efectuar na cidade de Coimbra, alguns dias antes da realização daquele.

Sabido que na Confederação, ao contrário do que sucede presentemente com a U. O. N., os sindicatos só podem ingressar por via das respectivas federações ou das uniões de sindicatos, vemos com satisfação que duas indústrias que ainda não possuem organismos federativos, como são as dos metalúrgicos e dos fabricantes de calçado, se prestam para os organizar, do mesmo passo que a Federação da Construção Civil pretende, e muito bem, alargar o seu raio de acção, transformando-se em federação nacional, a fim de passar a ter no seu seio não apenas os sindicatos do sul de Portugal, como, até aqui, mas de todo o país.

O exemplo que veem de dar-nos as corporações a que acabamos de fazer referência deve ser seguido—pois vai nisso todo o interesse dos sindicatos—pelos outras indústrias que ainda não dispõem dos respectivos órgãos federais.

Não se trata apenas de criar ou modificar, num sentido mais perfeito, organismos que a prática da vida operária recomenda, como indispensáveis à nossa organização de classe. Trata-se também de dar uma maior coesão e um maior poder de resistência aos sindicatos dispersos por esse país fora, provendo-os dos elementos necessários a agir em sentido homogêneo, sem que a acção prejudique a dos outros, como por vezes tem sucedido.

E ao mesmo tempo que isso se consegue, atinge-se um resultado não menos apreciável com tal conjugação de esforços, como é o de estabelecer, por meio do organismo federal, condições idênticas de trabalho em todo o país organizado, evitando-se deste modo a concorrência de braços, e, consequentemente, o fracasso de movimentos levados a efeito por qualquer sindicato da respectiva indústria.

Um outro aspecto, há, porém, a encarar ainda e é este o da solidariedade que os sindicatos podem prestar-se mutuamente desde que todos estejam unificados no organismo federal. Em casos de luta com o patronato, essa solidariedade pode ser o melhor agente de vitória dum movimento, posto que se todos os sindicatos estão ligados pelos eios federais, desde que se auxiliem reciprocamente, com mais elementos de resistência contam para triunfar.

Recebendo, pois, com a resolução da Federação da Construção Civil, não menos folgamos com a dos camaradas metalúrgicos e fabricantes de calçado, que mostram reconhecer as altas vantagens das federações corporativas, indo certamente animar, com o seu exemplo, outras classes a seguir idêntico caminho.

**CONFRATERNIZAÇÃO OPERÁRIA**

Um apelo da Federação Rural

Este Federação, animada dos melhores desejos de acudir, tanto aos camaradas deportados, como às suas respectivas famílias delibera, na reunião do Conselho Federal de 18 de Maio, distribuir por todas as associações rurais, listas para a angariação de donativos, a favor dos camaradas deportados, sendo brevemente dirigido igual apelo a todas as Associações operárias do país.

Esta bela iniciativa cai bem na classe rural, tendo já a Federação recebido da Associação Rural de Coruche, a quantia de 250\$.

Na assembleia magna de domingo, da Associação dos Rurais de Montemor-o-Novo, foi aberta uma subscrição a favor dos deportados, que rendeu a quantia de 551\$, quantia que já foi entregue.

A Federação espera que todos os trabalhadores consientes, a secundem neste generoso acto.

**A barra e a Vila Franca**

Pequenos dias faltam para a realização do tão desejado passeio fluvial

Aproxima-se vertiginosamente a data do passeio fluvial a Vila Franca de Xira, em homenagem a este jornal, que narra as derrotas ultimamente sofridas por Koltchak que retrocedeu rapidamente com as suas tropas, perseguido pelos Guardas Vermelhos.

A última hora anuncia-se a prisão do almirante e do seu estado maior.

**As tropas de Koltchak perseguidas e derrotadas pela Guarda Vermelha — Koltchak aprisionado!**

LONDRES, 9. — As avançadas russas atacaram, de surpresa, em toda a frente, com metralhadoras e artilharia pesada os finlandeses. O avanço finlandês sobre Petrogrado está paralisado. Os bolchevistas aprisionaram o estado maior inimigo.

**As tropas de Koltchak perseguidas e derrotadas pela Guarda Vermelha — Koltchak aprisionado!**

LONDRES, 9. — Receberam-se

notícias de Petrogrado que narram as derrotas ultimamente sofridas por Koltchak que retrocedeu rapidamente com as suas tropas,

perseguido pelos Guardas Vermelhos.

A última hora anuncia-se a prisão do almirante e do seu estado maior.

**CONFRATERNIZAÇÃO OPERÁRIA**

Um apelo da Federação Rural

Esta Federação, animada dos melhores desejos de acudir, tanto aos camaradas deportados, como às suas respectivas famílias delibera, na reunião do Conselho Federal de 18 de Maio, distribuir por todas as associações rurais, listas para a angariação de donativos, a favor dos camaradas deportados, sendo brevemente dirigido igual apelo a todas as Associações operárias do país.

Esta bela iniciativa cai bem na classe rural, tendo já a Federação recebido da Associação Rural de Coruche, a quantia de 250\$.

Na assembleia magna de domingo, da

Associação dos Rurais de Montemor-o-Novo, foi aberta uma subscrição a favor dos deportados, que rendeu a quantia de 551\$, quantia que já foi entregue.

A Federação espera que todos os

trabalhadores consientes, a secundem neste generoso acto.

### ENTRE O CAPITAL E O TRABALHO

## A greve geral no Barreiro

As mulheres, ante o movimento grevista, dão os mais belos exemplos de abnegação—Vibrantemente, a multidão operária agita-se nas ruas, aclamando a greve—As autoridades tomam attitudes ameaçadoras, transformando o Barreiro num acampamento militar—O administrador do concelho deve ser imediatamente demitido—Quasi todos os Sindicatos Operários de Lisboa votam a greve geral

em princípio :

Nessa ocasião um só caminho tinha, conflito está ocasionando e ainda o fator de honroso e digno.

Continuou, porém, surgindo-nos novamente, com a sua incompetência e as suas violências. O que não fizemos ontem, fá-lo-emos, hoje, dispostos a estabelecer o contraste entre o passado e o presente.

O sr. Antunes Guerra, que é assim que o administrador do Barreiro se chama, não se recorda já quando nessa sala que então era sede da U. O. N., dormiu sobre o sobrado a nosso lado, quando o comité da greve ferroviária de julho aqui pernoitou, e a que o mesmo pertence?

Como grevista que foi do Sul e Sueste desceu já que pertenceu à canha que hoje insulta? Não se lembra, quando a nosso lado, era o primeiro a defender a organização operária a que pertencemos? O senhor Guerra, que aconselhou aos seus camaradas grevistas a revolta contra a força armada, oferecendo-lhes explosivos que dizia ter em seu poder, tem alguma autoridade para se arvorar em carregador das U. F. Nessas sessões falará o camarada Graça Gonçalves.

O Sindicato Único Metalúrgico, votou, por unanimidade, na reunião de ontem, uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Acatar e cumprir incondicionalmente as resoluções que o sindicato U. S. C. Metalúrgicas tomar neste sentido.

2.º Saúdar os camaradas em luta pela persistência e união que dignamente tem mantido.

O camarada Alyes Quintas, entrou na Federación da Construção Civil, 1558, destinado aos camaradas da C. U. F.

— A Secção de Belém do Sindicato Único das Classes Metalúrgicas resolve protestar contra a atitude do governo, dando todo o apoio aos camaradas da C. U. F., aguardando com impaciencia as resoluções do S. U. M.

— Os operários mecânicos em açúcar, reunidos ontem, resolvem dar também todo o seu apoio moral e material aos grevistas da C. U. F.

— Os operários alfaiates, em reunião de ontem, aprovaram uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Prestar a esses camaradas toda a sua solidariedade moral e monetária.

2.º Protestar contra todas as violências que se praticuem contra os operários grevistas da C. U. F.

— Hoje pelas 18 horas realiza-se uma sessão magna na sede da Construção Civil do pessoal do Arsenal de Marinha, para apreciar o conflito da C. U. F.

— Na reunião dos operários gráficos, ontem efectuada foi aprovada a seguinte moção:

MOÇÃO

A assembleia de delegados das oficinas gráficas de Lisboa, reunidas, a convite da Federación do Livro e do lorno, para tomarem resoluções sobre a atitude dos seus respectivos industriais respeitantes às reivindicações por esta Federación formuladas e feita consulta sobre a solidariedade a prestar aos camaradas da C. U. F., em luta há 20 dias, resolvem saudar calorosamente estes preustimosos camaradas pela nobreza da sua atitude e declarar-lhes a sua incondicional solidariedade, bem merecida, pela tenacidade e espírito de resistência que tem mantido na luta encetada, confiando na sua completa vitória.

Estamos na iminência de violências como as de Gaia. Não surjam depois com desculpas. É bom evitar enquanto é tempo. A paciencia dos operários não pode ser eterna.

Para complemento do que fica escrito chega-nos a notícia de que no combate das 11,50 chegaram ao Barreiro mais umas 50 praças, vindas de Setúbal. Com tudo isto está o governo decididamente ao lado de Alfredo da Silva?

Os factos provam-no. Declara o governo guerra aberta à classe operária em defesa de Alfredo da Silva. Está o governo disposto a violentar os grevistas para os obrigar a curvar perante os caprichos dum só homem?

Se está, tanto pior. Os operários lutam enquanto um sópro de vida lhe resta.

Vários sindicatos aprovam, em princípio, a greve geral, reunindo outros hoje para o fazerem

Já reuniram muitos sindicatos operários, aprovando o princípio de solidariedade aos camaradas da C. U. F. E' um sintoma bem vivo formal condenação a que a classe operária organizada vota a atitude protecionista do governo perante Alfredo da Silva.

Tudo isto prova que o governo de Alfredo da Silva representa a burguesia.

Hoje pelas 18 horas realiza-se uma sessão magna na sede da Construção Civil do pessoal do Arsenal de Marinha, para apreciar o conflito da C. U. F.

— Na reunião dos operários gráficos, ontem efectuada foi aprovada a seguinte moção:

MOÇÃO

A assembleia de delegados das oficinas gráficas de Lisboa, reunidas, a convite da Federación do Livro e do lorno, para tomarem resoluções sobre a atitude dos seus respectivos industriais respeitantes às reivindicações por esta Federación formuladas e feita consulta sobre a solidariedade a prestar aos camaradas da C. U. F., em luta há 20 dias, resolvem saudar calorosamente estes preustimosos camaradas pela nobreza da sua atitude e declarar-lhes a sua incondicional solidariedade, bem merecida, pela tenacidade e espírito de resistência que tem mantido na luta encetada, confiando na sua completa vitória.

Está declarada a greve geral no Barreiro 24 horas; a questão dos camaradas da C. U. F. passou a ser a de todo o operário local. Vigorosamente proclamada a greve geral prossegue com sua vanguarda constituída pela ação enérgica e decidida das mulheres. Outra luta prossegue sem desfalcamento até à vitória, ou o operário local se suicida sob a patra capitalista. Dado lado Alfredo da Silva representando a burguesia. Do outro, a U. S. O. representa o proletariado. Dentro de algumas horas o operário de Lisboa cumpriu com o seu dever, lançando-se na luta. É necessário firmeza e energia para que até lá a greve prossiga. Avante para a greve geral.

A U. S. O. do Barreiro

Os operários em greve reunem apesar da proibição da autoridade

BARREIRO, 11.— Pelas 19 horas, no vasto quintal da Associação do Pessoal Ferroviário, reuniram os operários em greve, apesar da proibição da autoridade. Estavam presentes 300 mulheres. Uma multidão compacta esperava ansiosamente a palavras dos oradores, e declarar-lhes a sua incondicional solidariedade, efeitos de resiliência que tem mantido na luta encetada, confiando na sua completa vitória.

Os operários reunidos amanhã novamente para ouvir os seus delegados e resolver em definitivo sobre a greve geral.

Os farinheiros também reunem amanhã para o mesmo fim.

A União dos Sindicatos Operários de Almada enviou um telegrama para o Barreiro, dando todo o seu apoio aos operários e resolvendo convidar toda a classe operária do concelho de Almada para uma sessão magna que se realizará amanhã, pelas 20 horas, no quinto da Academia Almadiense.

Lavra grande agitação em todo o meio operário pela atitude do governo contra os grevistas da Companhia União Fabril.

Almada votam em princípio da greve geral

BARREIRO, 11.— Reuniram hoje os operários da construção civil de Almada, corticeiros e metalúrgicos, resolvendo aprovar, em princípio, a greve geral de apoio aos seus camaradas da União Fabril, esperando ordens da União local.

Os operários reunidos amanhã novamente para ouvir os seus delegados e resolver em definitivo sobre a greve geral.

Os farinheiros também reunem amanhã para o mesmo fim.

A União dos Sindicatos Operários de Almada enviou um telegrama para o Barreiro, dando todo o seu apoio aos operários e resolvendo convidar toda a classe operária do concelho de Almada para uma sessão magna que se realizará amanhã, pelas 20 horas, no quinto da Academia Almadiense.

Lavra grande agitação em todo o meio operário pela atitude do governo contra os grevistas da Companhia União Fabril.

Almada votam em princípio da greve geral

BARREIRO, 11.— Reuniram hoje os operários da construção civil de Almada, corticeiros e metalúrgicos, resolvendo aprovar, em princípio, a greve geral de apoio aos seus camaradas da União Fabril, esperando ordens da União local.

Os operários reunidos amanhã novamente para ouvir os seus delegados e resolver em definitivo sobre a greve geral.

Os farinheiros também reunem amanhã para o mesmo fim.

A União dos Sindicatos Operários de Almada enviou um telegrama para o Barreiro, dando todo o seu apoio aos operários e resolvendo convidar toda a classe operária do concelho de Almada para uma sessão magna que se realizará amanhã, pelas 20 horas, no quinto da Academia Almadiense.

Lavra grande agitação em todo o meio operário pela atitude do governo contra os grevistas da Companhia União Fabril.

Almada votam em princípio da greve geral

BARREIRO, 11.— Reuniram hoje os operários da construção civil de Almada, corticeiros e metalúrgicos, resolvendo aprovar, em princípio, a greve geral de apoio aos seus camaradas da União Fabril, esperando ordens da União local.

# O Pão Nossa... DE SEGUNDA

Sou, é certo, funcionário público, como o são tantíssimos sindicais e anarquistas que servem o Estado nas suas obras e oficinas, compreendendo os arsenais e as fábricas de armas e munições de guerra, obrigados a isso, pela necessidade de alugarem o seu braço àquela entidade, como outros alugam as empresas e companhias que exploram o trabalho humano, apoderando-se da parte do leão na partilha dos lucros.

Aíncia, porém, de funcionário do Estado, intensivo e muito humilde rabiscador de minutas de ofício numa das suas repartições, sou, perante a lei, cidadão português, no gás dos meus direitos civis e políticos e, nesta qualidade, assiste-me o direito de crítica de todos os actos de administração pública exercidos por quem quer que seja, até mesmo pelo presidente da República, sem ter que lhe pedir vênia para esse efeito, nem submeter-me a qualquer ordem de serviço em que se determine o contrário, pois não devo a menor obediência às determinações opostas ao espírito e à letra da constituição da República e das leis gerais da Nação.

Isto dito, devo declarar que não temido como funcionário público, mas sim como particular e cidadão que, neste jornal, tenho apreciado alguns decretos e outros diplomas oficiais relativos ao serviço de subsistências e à Nova Companhia Nacional de Moagem que, sem dúvida alguma, é um Estado no Estado, uma empresa extraordinária, singularmente e de longa data favorecida pelos governos, em prejuízo manifesto do consumidor e dos interesses nacionais.

Nesta luta, em que ando empolgado contra a referida Companhia, não é o bôrio ao burguês que me dá o impulso nem qualquer intuito reservado, mas apenas o dever que me cabe de não sancionar com o meu silêncio a sua ganância desmarcada, os seus frequentes abusos e as suas repetidas afirmações em público, contrárias à verdade, acerca do pão de segunda e do regime de cereais e farinhas.

O contrário disso é que se torna suposição para o país e induz à suposição de que o Estado não tem capacidade administrativa, pelo menos no que respeita ao serviço de subsistências públlicas.

Senhora do exclusivo da importação do trigo exótico e com o decreto n.º 5181 na mão, a Nova Companhia Nacional de Moagem teria realizado a última das suas ambições e daria um golpe de morte na lavoura portuguesa e na padaria independente que é o seu cabrón e que, diga-se de passagem, também tem culpas no cartório, sem que, por esse facto, deixe de ter direito à vida.

O governo que conceder à moagem o exclusivo da importação de trigo será um governo de traidores à causa popular e ao Paiz e merecerá a grilheta dos presidiários, por cumplicidade com os malfeitos sociais.

Vou concluir.

Antes, porém, emprazo a Nova Companhia Nacional de Moagem a vir a público, nos jornais ou numa assembleia, contestar o libelo acusatório que contra ela e o seu pão de segunda tenta formulado nas colunas deste jornal, sob pena de ser tida e havida, dumra vez por todas, como litigante de má fé, incapaz de se defender e justificar das acusações que lhe tenho feito, não pelo grango de popularidade nem pelo prazer de lhe fazer guerra, mas tão somente porque sua ganância desmarcada e desumana e os seus processos comerciais me revoltam e reprengam porque coincidem com os princípios de equidade e de justiça e sobremaneira me prejudicam como consumidor, prejudicando o povo na mesma medida.

Não menos me repugna e revolta que a mesma Companhia, fazendo o mal e a caramunha, venha armar em patriota quando a sua pátria se reduz às folhas e aos algarismos do seu livro caixa, à razão suprema do *Deve-Haver* que é o seu compêndio de geografia política, o manual dos seus deveres cívicos, o seu evangelho e a sua bíblia sagrada.

Lisboa, 9 de Junho de 1919.

José BENEDY.

## REIVINDICAÇÕES OPERÁRIAS

### As classes gráficas

resolvem votar a greve parcial em parte das oficinas dos industriais pertencentes ao bloco de resistência patronal

Na reunião de delegados das oficinas gráficas de Lisboa, ontem efectuada na Federação do Livro e do Jornal, foram apreciadas devidamente as várias attitudes dos industriais gráficos e sobre elas foram tomadas, por unanimidade, as resoluções seguintes:

1.º Declarar a greve, até satisfação das reclamações, para a qualidade de parte das oficinas para a qualidade de parte das oficinas.

2.º Não permitir a execução, nas oficinas, das normas de fabrico de que o bloco de resistência patronal é feito.

Assim, resolver-se-á o problema.

As empresas que se enquadram na difficultade actual, o Estado ver-se-á de novo obrigado a adquirir na província e a fazer panificação em Lisboa farinha que, nem sempre satisfaça os requisitos legais, e os dois aliados senhores deputados voltarão a tentar anular o seu auxílio à cesta da importação da moagem de Lisboa, atribuindo-lhe as culpas da qualidade da farinha, que ela não fabrica e o Estado se fará servir a entregar-lhe para ser panificada!

Mas estes processos, se podem servir para aumentar a popularidade política, devem ser deserto, para resolver problemas económicos.

Nem o governo nem a indústria tem culpa da ruindade do pão e das farinhas, donde se tira e é certo que essa culpa é do povo que sofre e cala.

Vejamos, agora o que a Nova Companhia Nacional de Moagem e a Sociedade de Moagem Aliança Limitada disseram no Século de 8 do corrente, a tanto por linha, num seu comunicado acerca do pão de segunda e das referências que os sobreditos deputados lhe fizeram no parlamento:

Dois deputados susentaram ontem no parlamento que o pão da 2.ª qualidade que se fabrica em Lisboa deixa a desejar e que só pode ser bom quando se mobiliza a maior parte dos seus responsáveis, os magreiros de serem eles os responsáveis da má qualidade do pão, admitido, é claro que o pão seja mau.

Ora, a verdade é que a indústria moageira não tem nenhuma culpa, como o não tem a indústria manipuladora. O governo, vé-se, por vezes obriga-a a comprar panificadores que ordinariamente que embora lotadas com as farinhas de Lisboa, não produzem um pão de tipo estabelecido. Mas, ou o governo adquire e manda utilizar essas farinhas, ou corre o risco do pão faltar de quando em quando no capital.

Não tem a indústria culpa do que sucede, nem o governo também. São as circunstâncias que impõem essa necessidade.

Por mais de uma vez a moagem tem repledado a livre importação do trigo exótico. Deixou-o comprar o cereal onde ele pudera obtê-lo e ento pecam pelas contas que quase sempre se fazem, pelo que observam os diagramas empregados.

Até agora o governo não lhe deu ainda essa facilidade e não é aí que nos parecer, que podem ser imputadas as culpas dum estado de coisas que não criou.

Os ferroviários

### Nota oficiosa do Sindicato

O Conselho de Administração da Companhia Portuguesa recusou-se a receber a Comissão de Melhoramentos do Pessoal ferroviário.

Pelo segundo vez é indicado à classe o caminho da greve.

Foram depois nomeadas as comissões que hoje há de entrevistar vários industriais que não fazem parte do bloco patronal de resistência, e ainda as várias comissões de vigilância.

As classes gráficas

resolvem votar a greve parcial em parte das oficinas dos industriais pertencentes ao bloco de resistência patronal

Na reunião de delegados das oficinas gráficas de Lisboa, ontem efectuada na Federação do Livro e do Jornal, foram apreciadas devidamente as várias attitudes dos industriais gráficos e sobre elas foram tomadas, por unanimidade, as resoluções seguintes:

1.º Declarar a greve, até satisfação das reclamações, para a qualidade de parte das oficinas para a qualidade de parte das oficinas.

2.º Não permitir a execução, nas oficinas, das normas de fabrico de que o bloco de resistência patronal é feito.

Assim, resolver-se-á o problema.

As classes gráficas

resolvem votar a greve parcial em parte das oficinas dos industriais pertencentes ao bloco de resistência patronal

Na reunião de delegados das oficinas gráficas de Lisboa, ontem efectuada na Federação do Livro e do Jornal, foram apreciadas devidamente as várias attitudes dos industriais gráficos e sobre elas foram tomadas, por unanimidade, as resoluções seguintes:

1.º Declarar a greve, até satisfação das reclamações, para a qualidade de parte das oficinas para a qualidade de parte das oficinas.

2.º Não permitir a execução, nas oficinas, das normas de fabrico de que o bloco de resistência patronal é feito.

Assim, resolver-se-á o problema.

As classes gráficas

resolvem votar a greve parcial em parte das oficinas dos industriais pertencentes ao bloco de resistência patronal

Na reunião de delegados das oficinas gráficas de Lisboa, ontem efectuada na Federação do Livro e do Jornal, foram apreciadas devidamente as várias attitudes dos industriais gráficos e sobre elas foram tomadas, por unanimidade, as resoluções seguintes:

1.º Declarar a greve, até satisfação das reclamações, para a qualidade de parte das oficinas para a qualidade de parte das oficinas.

2.º Não permitir a execução, nas oficinas, das normas de fabrico de que o bloco de resistência patronal é feito.

Assim, resolver-se-á o problema.

As classes gráficas

resolvem votar a greve parcial em parte das oficinas dos industriais pertencentes ao bloco de resistência patronal

Na reunião de delegados das oficinas gráficas de Lisboa, ontem efectuada na Federação do Livro e do Jornal, foram apreciadas devidamente as várias attitudes dos industriais gráficos e sobre elas foram tomadas, por unanimidade, as resoluções seguintes:

1.º Declarar a greve, até satisfação das reclamações, para a qualidade de parte das oficinas para a qualidade de parte das oficinas.

2.º Não permitir a execução, nas oficinas, das normas de fabrico de que o bloco de resistência patronal é feito.

Assim, resolver-se-á o problema.

As classes gráficas

resolvem votar a greve parcial em parte das oficinas dos industriais pertencentes ao bloco de resistência patronal

Na reunião de delegados das oficinas gráficas de Lisboa, ontem efectuada na Federação do Livro e do Jornal, foram apreciadas devidamente as várias attitudes dos industriais gráficos e sobre elas foram tomadas, por unanimidade, as resoluções seguintes:

1.º Declarar a greve, até satisfação das reclamações, para a qualidade de parte das oficinas para a qualidade de parte das oficinas.

2.º Não permitir a execução, nas oficinas, das normas de fabrico de que o bloco de resistência patronal é feito.

Assim, resolver-se-á o problema.

As classes gráficas

resolvem votar a greve parcial em parte das oficinas dos industriais pertencentes ao bloco de resistência patronal

Na reunião de delegados das oficinas gráficas de Lisboa, ontem efectuada na Federação do Livro e do Jornal, foram apreciadas devidamente as várias attitudes dos industriais gráficos e sobre elas foram tomadas, por unanimidade, as resoluções seguintes:

1.º Declarar a greve, até satisfação das reclamações, para a qualidade de parte das oficinas para a qualidade de parte das oficinas.

2.º Não permitir a execução, nas oficinas, das normas de fabrico de que o bloco de resistência patronal é feito.

Assim, resolver-se-á o problema.

As classes gráficas

resolvem votar a greve parcial em parte das oficinas dos industriais pertencentes ao bloco de resistência patronal

Na reunião de delegados das oficinas gráficas de Lisboa, ontem efectuada na Federação do Livro e do Jornal, foram apreciadas devidamente as várias attitudes dos industriais gráficos e sobre elas foram tomadas, por unanimidade, as resoluções seguintes:

1.º Declarar a greve, até satisfação das reclamações, para a qualidade de parte das oficinas para a qualidade de parte das oficinas.

2.º Não permitir a execução, nas oficinas, das normas de fabrico de que o bloco de resistência patronal é feito.

Assim, resolver-se-á o problema.

As classes gráficas

resolvem votar a greve parcial em parte das oficinas dos industriais pertencentes ao bloco de resistência patronal

Na reunião de delegados das oficinas gráficas de Lisboa, ontem efectuada na Federação do Livro e do Jornal, foram apreciadas devidamente as várias attitudes dos industriais gráficos e sobre elas foram tomadas, por unanimidade, as resoluções seguintes:

1.º Declarar a greve, até satisfação das reclamações, para a qualidade de parte das oficinas para a qualidade de parte das oficinas.

2.º Não permitir a execução, nas oficinas, das normas de fabrico de que o bloco de resistência patronal é feito.

Assim, resolver-se-á o problema.

As classes gráficas

resolvem votar a greve parcial em parte das oficinas dos industriais pertencentes ao bloco de resistência patronal

Na reunião de delegados das oficinas gráficas de Lisboa, ontem efectuada na Federação do Livro e do Jornal, foram apreciadas devidamente as várias attitudes dos industriais gráficos e sobre elas foram tomadas, por unanimidade, as resoluções seguintes:

1.º Declarar a greve, até satisfação das reclamações, para a qualidade de parte das oficinas para a qualidade de parte das oficinas.

2.º Não permitir a execução, nas oficinas, das normas de fabrico de que o bloco de resistência patronal é feito.

Assim, resolver-se-á o problema.

As classes gráficas

resolvem votar a greve parcial em parte das oficinas dos industriais pertencentes ao bloco de resistência patronal

Na reunião de delegados das oficinas gráficas de Lisboa, ontem efectuada na Federação do Livro e do Jornal, foram apreciadas devidamente as várias attitudes dos industriais gráficos e sobre elas foram tomadas, por unanimidade, as resoluções seguintes:

1.º Declarar a greve, até satisfação das reclamações, para a qualidade de parte das oficinas para a qualidade de parte das oficinas.

2.º Não permitir a execução, nas oficinas, das normas de fabrico de que o bloco de resistência patronal é feito.

Assim, resolver-se-á o problema.

As classes gráficas

resolvem votar a greve parcial em parte das oficinas dos industriais pertencentes ao bloco de resistência patronal

Na reunião de delegados das oficinas gráficas de Lisboa, ontem efectuada na Federação do Livro e do Jornal, foram apreciadas devidamente as várias attitudes dos industriais gráficos e sobre elas foram tomadas, por unanimidade, as resoluções seguintes:

1.º Declarar a greve, até satisfação das reclamações, para a qualidade de parte das oficinas para a qualidade de parte das oficinas.

2.º Não permitir a execução, nas oficinas, das normas de fabrico de que o bloco de resistência patronal é feito.

Assim, resolver-se-á o problema.

As classes gráficas

resolvem votar a greve parcial em parte das oficinas dos industriais pertencentes ao bloco de resistência patronal

Na reunião de delegados das oficinas gráficas de Lisboa, ontem efectuada na Federação do Livro e do Jornal, foram aprec

# OLÍMPIA

Desde as 2 da tarde: Matinée e Soirée  
ESTREIA da curiosa fita americana em 2 partes  
**OS AMORES DE PEQUENOTA**

A espiral da morte 5 partes  
A PANTERA 5 partes  
E OUTRAS FITAS DE EXITO

(33) PROXIMAMENTE — Aventuras de Maciste

## CONTOS DE "A BATALHA"

### Colóquio de párias

Os dois garotos seguiam amolentados, os corpos suados num desleixo de fadiga, os passos deambulatórios e doridos apetecendo arrimo, as mãos esfaldadas em abandono, os pés nus causados na queimadura das pedras da rua, esbraseada pelo sol forte e ativo desse meio dia de Julho... Com as camisas amarfanhadas, confusas de aheruras que lhes desafrontavam os peitos ar, eles seguiam a direito, pelo passeio, calados e o roceiros — exgotado já o ânimo para mais cabriolice, e desfazida a paciência com que até ali haviam resignado o estômago. Eram companheiros da rua, e tão amigos que bem pareciam irmãos. Entre tanto se não tinham a mesma mãe, tinham a mesma sorte. Aquele hora corria-os a ambos a mesma necessidade de acharem já em casa as suas mias atrações à lida dum petisco para todos. Que diabo!

Mas as duas mulheres não haviam voltado ainda do lavadouro onde tinham ido a lavar imundícies alheias... Elas tinham-nas visto, endurecidas pela precisão, marchar aquilinas e doçinhas, para lá, de manhãsina, após terem encidido a mao a cada um deles com um naco de pão, e terei aferroado no fundo da algibeira, o velho chavão das suas portas de postigo. Depois, sós na rua, elas, comido o faneço e bebida, por esses marcos e chafarizes, toda a água a que se lhes abrira a gana — tinham ficado tentados. Porém, agorinha, estafados do vagabundagem, começavam a ruminar, pelo caminho da volta, um mat humor fastioso.

O sol resseguia intensamente. As casas estarciam silenciosas, adormecidas. Só aquí ou ali, perdido num longe de ruas encruzadas, se ouvia o erguer de algum pregão circunscrito, estiran-do-se pesado e quente.

Caminhando para casa, os dois rapazes atravessavam já esse recanto da Estrela, ali a Buenos Aires — o sítio aristocrático e limpo, bem arejado, onde a gente inglesa prefere plantar o seu jardim e assentar os seus parques. Ao longo dessas ruas calmas e aromatizadas, distendia-se uma linha ordenada e segura de método; e sobre elas pairava um boni soco de recolhimento e de seca...

O Tônio — resmoneou súbito um dos rapazes. E se a gente chega a casa vira vez, e as elas ainda lá não estão?

— Eu rebento com fome e calor.

— Eu.

Calaram-se. Avançavam palmilhando sempre. Mas logo o Tônio, mais insufri e arreliado, bradou:

— Agora também já era demais. Para lavar uns trapichinhos, tanto tempo! Arre! E mascou um raios para isto. Calados, mas de cabeças erguidas, momentaneamente desertos por este desabafado, começaram, ao acaso, de reparar mais e mais num belo toneau, leve e fino, logo adianta, com a roda calada contra o passeio, estacionando à porta dum desses silentes palacetes. O calor congestionava. Os rapazes haviam-se aproximado. Chegavam atabafados. Pararam um instante, curiosos, admirando o belo cavalo, de olhos docemente modorrentos, e cascos polidos, que dormitava, de cabeça pêzada, entre os compridos varais — frágiles como galhos. O arreio de couro da russa chispava. O carro, uma fôfa caixa, ostentava, elegante, umas trabahdas lanternas com vidros em cár. Tudo isso era muito rico! Ao presentá-los, o cocheiro, de cima dos seus agachados, descerrou os olhos — leito como um coloso, e ficou-se imóvel, mas atento. Ali, o prédio recortava pela sua uma sombra suavissimamente. E a porta da casa, aberta, deixava entrever um interior fresco de lages e penumbras, de que via-se um hálito refrigerador, adormecendo — náma vaga sensação de infinito bem-estar.

Os rapazes ficaram mais um instante olhando embrechados — um pouco esquecidos de si. Oh! que bom era tudo isso! Apetecia para ali ficar!

Por cima das suas cabeças, lá do alto dum janelão,atravez o store descido, indiferentemente, o gorgear dum canário espargia-se caprichoso e jovial. E, de repente, quando era preciso voltar a

M.º 103 de A BATALHA Folhetim N.º 23

## REGENERAÇÃO

romance social

POR

CURUÇO DE MENDONÇA

SEGUNDA PARTE

## Organização e triunfo

V

Observai, comparai; e obtereis partículas da verdade.

SÓCRATES

Também ela, a pobre terra, necessitava do auxílio inteligente, da variedade de cultura: uma safra de algodão durante um ano, uma safra de cana em outro; ora éste, ora aquele produto, alternadamente, cada um afectando-a de modo diverso, conforme os elementos que assimila, e o represso se faria no seu das forças produtoras, sem sair da cultura intensiva, apenas variando de semente.

Com esses processos de uma observação atenta e sempre pronta, levando o carinho e o amor para o seu latente natureza, José fazia também, na agricul-

tura, um obra sadia de renovo e de transformação. As terras se tranfiguravam e produziam largamente, certo por um, desdobrando a sua fecundidade de infinita e sempre nova, nunca velha, desde que o homem sabia amá-la. Os productos enchião os celeiros da Jerusalém nova, alimentando as falsinges, livres. Os operários eram dignos de sustento, e este lhes não faltava. Havia abundância, a felicidade e a alegria. O amor triunfava em toda a linha, na terra como no homem, no homem como na terra.

V. HUGO.

Antônio, o ardente missionário social, o incansável iniciador e insulador dessa imensa obra de justiça e de verdade, comprazia-se ainda e cada vez mais nos seus longos passos de sombrias estradas, e pelos campos, visitando e inspecionando as plantações e as pastagens, deliciando a vista pelos relâmpagos que pasciam, pelas numerosas

agras que pasciam, pelas numerosas

**OPTIMO CAFÉ**  
Quilo \$80, EM PACOTES DE 125 E 250 GRAMAS  
— PERFUMARIAS — “MENNEN'S”,  
— AMERICANAS —  
Os melhores produtos de beleza conhecidos. Descontos aos revendedores  
215 Rua Augusta, 70, 2.— Telef. C. 1196

## Arame para palha Vende-se a \$24 (205)

para quantidades superiores a mil quilos

Ferragens, ferramentas, cravo para farrador e muitos outros artigos

**Casa Valério, Lopes & C. ta L.**  
1, Rua Nova do Almada, 8 — LISBOA

## Solas e Gabejais

COLOSSAL SORTIDO

e mudezas que diz respeito

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Trem à disposição dos Exmos fre-  
gueses

TIPO 949-C

1000 gramas — Tr. mudezas

R. da Mouraria, 93-95

LISBOA

## CHÁS

CEILÃO (Preto fino, quilo esc. 4\$00)

(Verde fino, quilo esc. 5\$00)

Hysson, de esc. 6\$00 a esc. 8\$00

o quilo.

PEROLA de esc. 7\$00 e esc. 8\$00

JERÓNIMO MARTINS & FILHO

RUA GARRETT, 13 a 23

Biblioteca de A SEMENTEIRA

Deleessense — A confederação do trabalho... 603

E Silva — Teatro livre & Arte social... 602

Krebs — Os bastidores das guerras... 603

Potokino — Em volta de uma vida... 670

Landauer — A Social Democracia na Alemanha... 602

Libertas — O sol e o esquarzo... 602

Malatesta — Em tempo de eleições... 602

A Semementeira — 4º ano a 10º ultimo número da 1.ª série, 16 números, 128 pag.  
Assinatura, um ano... 602

</div